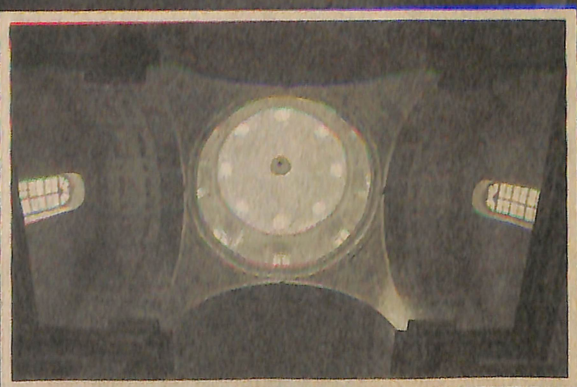
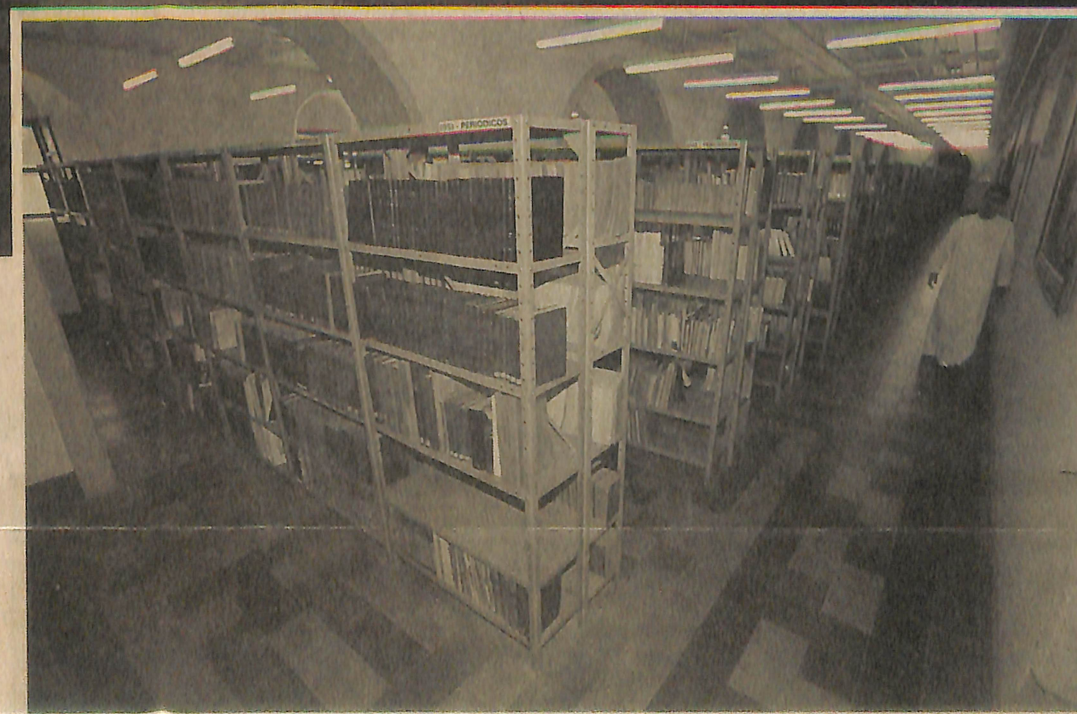


Primeiro mosteiro beneditino das Américas, a instituição situada na Ladeira de São Bento tem mais de 400 anos de vida religiosa e uma arquitetura imponente, como se verifica na abóbada da nave (abaixo)



Fotos de Haroldo Abrantes

Mosteiro de São Bento vai ao encontro do povo



Na biblioteca do casarão de São Bento encontra-se uma das maiores coleções particulares de obras raras do Brasil e da América Latina

Monges da secular instituição produzem um vídeo visando integração com a comunidade baiana

Cláudia Lessa

“Entre as paredes deste claustro secular, o tempo quase não passa e quem passa na praça não percebe as vozes que clamam e rezam aqui dentro”. Por conta do regime de reclusão, a vida interna do Mosteiro de São Bento da Bahia - o primeiro mosteiro beneditino das Américas - não é conhecida nem mesmo pelos mais abnegados fiéis. Visando integrar a comunidade à história de 416 anos da instituição religiosa, seus 36 monges vêm desenvolvendo uma série de projetos, entre eles, o vídeo *Mosteiro de São Bento*.

A fita, com versões em português e inglês, faz uma leitura mais atual da vida monástica e destaca a representatividade do acervo dos beneditinos. Assim, as imagens passeiam pelos principais bens do mosteiro, como

o Museu de Arte Sacra, a Igreja de São Bento, a biblioteca (segunda do país em livros raros, com cerca de 300 mil volumes), o colégio e o laboratório de restauração de livros raros. Os espaços para música erudita e artes plásticas, assim como os corais - o dos monges e o da juventude, de onde saíram as cantoras Virgínia Rodrigues e Andréa Daltro, entre outros nomes

menos populares -, também tiveram destaque.

Em 20 minutos de fita - realização Bahia Cinema e Vídeo/TV Bahia, sob a direção de Lauro Passos e fotografias de Rogério Sampaio -, uma mostra da vida de clausura dos monges beneditinos é enfocada de forma cuidadosa. Conforme ressaltou dom Gregório, diretor do mosteiro, o vídeo deixa às vistas que a dedicação religiosa dos monges continua inalterada, só que “agora adaptada à nova realidade social”.

Se no passado a evangelização dos pagãos foi o fio condutor, hoje o foco é o trabalho educativo e social com as comunidades carentes da cidade. Com elas, os monges realizam ações assistenciais, possíveis graças a convênios com entidades estrangeiras, conforme dom Gregório. “Não mudamos a essência da vida monástica: vivemos com o mesmo ideal que é o da oração e do trabalho”, ressalta dom Gregório, 16 anos de vocação religiosa.

Com hábitos de vida rígidos, às 4h30 os monges já estão de pé, em plena atividade de fé. Fazem leitura da *Bíblia*, seguida de uma oração ao público, prosseguem com a Laudes (segunda reza do dia) até completarem os seis momentos de oração de todo santo dia. “Quando não estamos rezando, estamos trabalhando”, diz dom Gregório. Entende-se por trabalho as tarefas campestres (no terreno de fundo do mosteiro), jardinagem, administrativas e conservação de obras de artes, entre outras.

“Essa fita tem como objetivo justamente abrir as portas do mosteiro para que

a população possa entrar nas nossas vidas”, considera. E como todo filme que se preze, o dia-a-dia simplório dos monges ganhou contornos romantizados.

Patrimônio - Numa viagem ao tempo, a história dos monges beneditinos que aportaram em Salvador em 1582 é resgatada com imprescindíveis informações para se conhecer um pouco desse patrimônio histórico-cultural (veja box). Afinal, a instituição resiste, ainda hoje, “ao tempo e às transformações políticas, sociais e culturais” do mundo. “Salvador é uma grande galeria de arte e quanto mais a população conhecer a sua história, mais irá valorizar a sua cidade”, acredita dom Gregório.

Para salvaguardar a trajetória dos beneditinos e revitalizar o Mosteiro de São Bento, os planos vão além da realização da fita de vídeo (que já pode ser adquirida no próprio local). Um deles é o Projeto Museu-Escola, que visa levar os estudantes para o mosteiro, realizando com eles um estudo comparativo sobre as obras de artes. “Eles saem dali sabendo o porquê daquela peça pertencer àquele século e não a outro”, comemora dom Gregório.

O incentivo à visitação de deficientes físicos ao museu também é objetivo dos monges. “Estamos bolando cópias, em fibra de vidro, das imagens para que cegos possam tocar e sentir a peça. Também iremos fazer reproduções em alto-relevo das telas, para que eles possam perceber o quadro. Além disso, queremos montar exposições em ambientes térreos, para facilitar o percurso dos deficientes”, enumera. Para tanto, depende da boa vontade de empresários que se disponham a patrocinar tais projetos de sociabilização.

O monge dom Gregório diz que a fita tem como finalidade abrir as portas do mosteiro para a população



A PRIMEIRA DAS AMÉRICAS

Na descida da Ladeira de São Bento, rumo à Praça Castro Alves, um monumento quaternário impõe um ar sacro no coração da Cidade do Salvador. Construído pelos monges beneditinos, vindos de Portugal em 1582, o Mosteiro de São Bento é a primeira fundação religiosa fora da Europa e a primeira de todas as Américas. Conforme os estudiosos, a história da instituição secular se confunde com a

própria história da Bahia.

O mosteiro vivenciou de perto a história do Brasil. O local serviu de quartel general dos invasores holandeses (1624); foi enfermaria na época da peste espanhola (Séc. XVIII); foi a primeira instituição religiosa a libertar todos os seus escravos (Séc. XIX), muito antes da Lei Áurea, e serviu de refúgio para os perseguidos pela repressão do regime militar (1964).

Ao desembarcar em terras baianas, os monges encontraram uma cidade ainda em formação, por isso resolveram se instalar numa colina próxima para viver seu austero monasticismo. Com o desenvolvimento da região, na primeira metade do Século XVII, várias ordens religiosas se aproximavam, entre elas, o Mosteiro de São Bento.

Por conta da Invasão Holandesa (1624-1625), o cotidiano no

mosteiro só se normalizou no início da segunda metade do Século XVII, quando os invasores foram expulsos e a monarquia portuguesa, restaurada. O fato resultou numa nova fase para a arquitetura baiana, com nobres edificações. Foi nesse período que os monges beneditinos, de volta ao convento, reconstruíram o que havia sido destruído e começaram a erguer um imponente monumento arquitetônico.

O Mosteiro de São Bento, aliás, se faz notável especialmente pela sua arquitetura. A igreja, por exemplo, apresenta características raras no país, inspiradas na Catedral Del Gesù, de Roma. A instituição guarda um patrimônio cultural de grande importância. Nele, encontra-se uma das maiores coleções particulares de obras raras do Brasil e da América Latina, a exemplo do *Comentário ao Evangelho de São Lucas*,

de Santo Alberto Magno, datado de 1504.

Grande parte da prataria do Século XVII - um acervo de aproximadamente 900 peças - também está conservada no local. O seu arquivo dispõe ainda de bens doados por Catarina Álvares Paraguaçu, esposa de Diogo Álvares, o Caramuru, primeiro colonizador das terras baianas, e Frei Agostinho, entre outras personalidades históricas.